

Um buraco chamado Portugal.

A «europeização» da geração do novo
cinema português (1962-74)

Paulo Cunha

Paulo Cunha, Doutorando em História Contemporânea na FLUC, bolseiro da FCT,
Colaborador do CEIS20. E-mail: paulomfcunha@gmail.com.

Em 1971, na abertura do filme *Quem espera por sapatos de defunto morre descalço*, João César Monteiro reafirmava uma ideia generalizada acerca do Portugal salazarista que, apesar da avançada decomposição, continuava a amputar cultural e socialmente uma sociedade com novos valores em emergência: «este país é um poço onde se cai, um cú de onde se não sai».

Em 1964, no artigo intitulado «Portugal, sociedade dualista em evolução» publicado na revista *Análise Social*, Adérito Sedas Nunes apontava a influência da «crescente abertura da sociedade portuguesa à sociedade internacional» como uma das principais causas da modernização da sociedade portuguesa da época.

Para o sociólogo, a sociedade portuguesa encontra-se então «muito mais intensamente posta em presença do mundo que a rodeia do que estava, por exemplo, antes do último conflito mundial». Das novas «janelas» rasgadas para o exterior, «corre um volumoso *fluxo de informação* económica, social, política, cultural, que é internamente recebido, captado, interpretado e em grande parte assimilado». Infelizmente, como confessava o sociólogo, pouco se conhece «a respeito do modo como esse fluxo se espalha no interior da sociedade portuguesa, como se ramifica pelos vários sectores e camadas da população, que lhes comunica, que efeitos neles tem». O que se tem verificado na sociedade portuguesa é que «os horizontes mentais de um número crescente de indivíduos alargam-se para além das fronteiras políticas. O campo social de referência dos seus comportamentos, ideias, aspirações e decisões abre-se a uma nova dimensão, assume novos elementos e perspectivas». Para o sociólogo é evidente que «ocorre uma progressiva diluição ou evanescência das fronteiras enquanto limites sociais e culturais» e os indivíduos, para além dos quadros das sociedades onde vivem, «tendem a agir, pensar, sentir e desejar» também em «função de estímulos, imagens, oportunidades, solicitações e concepções recebidos do exterior da sociedade, ou nesse exterior apercebidos, através do contínuo fluxo de informação». De uma forma natural, «por conhecidas razões psicológicas e sociais», é essencialmente a juventude e as «gerações de maturidade jovem» que mais evidenciam essa «abertura» à sociedade internacional.¹

O propósito deste texto será analisar de que forma este «modelo» de interpretação da realidade se poderá aplicar às transformações estéticas ocorridas no cinema português a partir da década de 1960. Com base nos percursos de vida dos mais importantes nomes da renovada cinematografia portuguesa dessa década, pretendo conhecer e analisar o processo de circulação e apropriação da cultura cinematográfica e cinéfila internacionais no panorama português de então. Objectivamente, também pretendo localizar nos filmes destes jovens cineastas os principais vestígios dos «estímulos, imagens, oportunidades, solicitações e concepções» que contribuíram para a «europeização» desta geração e a forma como este processo de internacionalização foi documentado nos seus principais filmes.

¹ NUNES, Adérito Sedas – «Portugal, sociedade dualista em evolução». In MÓNICA, Maria Filomena (org.) – *Adérito Sedas Nunes. Antologia Sociológica*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2000, p. 50-51.